



A CHARGE COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO

ARAÚJO, Carlos Alberto de¹

RESUMO

O presente artigo descreve como as Charges têm sido usadas com frequências no ENEM e em provas de concursos, bem como em livros, revistas e jornais em todo o mundo que usam este tipo de gênero textual como sendo um gênero jornalístico para satirizar de forma bem-humorada o cotidiano. Alguém pode até perguntar: Mas de que forma se usa a charge para ensinar? A resposta é ampla porque a charge como desenho cômico engraçado e criativo fazem os chargistas mostrarem um acontecimento político ou um caso rotineiro bem engraçado. Chargistas de várias empresas de jornalismo têm dado sua contribuição de forma crítica bem-humoradas aos leitores, como foi o caso de grandes nomes como Henfil, Ziraldo, Laerte, Lailson, Clériston, Libório; Miguel, e tantos outros brasileiros que diariamente mostravam nos seus belos traços artísticos as charges diárias sobre acontecimentos do cotidiano que muitas vezes incomodava uns e agradava outros o que é o papel do chargista, e que também não é fácil ter uma boa ideia todos os dias. Mas dedicados que são estes profissionais e que sempre os fazem ter uma visão crítica engraçada de cada situação do dia-a-dia. A charge como gênero textual jornalístico pode não só fazer rir, como também mudar uma opinião formada. Porque fazer humor é melhor que fazer guerra!

Palavras-chave: Gênero textual. Humor. Crítica. Jornalismo.

¹ Graduação - Curso Superior de Tecnologia em Marketing pela Faculdade Joaquim Nabuco; Curso de Pós – Graduação Lato Sensu em Filosofia na área de Humanidade e Artes; Curso de Pós-Graduação, em nível de Especialização, na Área de Artes e Humanidade – Arteterapia; Curso de Pós Graduação em Especialização Lato Sensu em MBA em Comunicação Eleitoral e Marketing Político pela Faculdade Integrada de Araguatins (FAIARA); Curso de Pós Graduação em Especialização Lato Sensu na Área de Ciências Sociais, Negócios e Direito – MBA em Direção de Artes para Propaganda, TV e Vídeo pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell; Curso de Pós Graduação em Especialização Lato Sensu em MBA em Comunicação Institucional e Gestão de Marcas pela Faculdade de Tecnologia e Ciências do Alto Paranaíba – FATAP; Curso de Capacitação Profissional em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Souza; Curso de Capacitação Profissional em Educação Especial e Neuropsicopedagogia pela Faculdade Souza; Curso de Capacitação Profissional em Filosofia Contemporânea pela Faculdade Souza; Curso de Capacitação Profissional em Leitura de Imagens em Educação pela Faculdade Souza.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo propõe como finalidade refletir sobre a importância da Charge como uma forma e também ser um bom Recurso Pedagógico na Educação uma vez que a sua linguagem visual simples e objetiva chama a atenção para um olhar crítico dos acontecimentos diário. Com um toque de humor o chargista mostra um olhar diferente do real com sua arte grotesca e sem piedade o cotidiano de todos os que dão “bons motivos” para sua criatividade artísticas. Em 1788, o capitão Francis Grose, antiquário e armador inglês, já dizia que a arte da caricatura é um dom perigoso que satiriza situações e pessoas, muitas vezes, de notoriedade o que tende a tornar o profissional do humor gráfico “mais temido que propriamente estimado”. O trabalho principal do chargista consiste em fazer engraçado acontecimentos tantos bons quanto ruins todos os dias. Chargistas já habituados ao humor político nos tempos da repressão, hoje já tem um leque de muitas opções que antes não era tão fácil por causa da ausência da liberdade de expressão no país. Mas o que vem a ser uma charge? A palavra “charge” é de origem francesa e significa carga, ou seja, exagera traços do caráter de alguém ou de algo para torná-lo burlesco. Muito utilizadas em críticas políticas no Brasil. O termo charge vem do francês charge que significa carga, exagero. Pois é, o chargista é tudo isso e mais um pouco!

Abrir um jornal e ir direto ver as charges era o que muitos leitores faziam e ainda fazem! O político mais caricaturado nos jornais e revista foi o ex-ministro Delfim Neto no regime militar. Isso mostra como a charge tem sido um gênero textual no jornalismo de todo o mundo. Os chargistas com seu bom humor tentam mostrar para a classe política onde o sapato aperta, deixando-os incomodados até o calcanhar!

De acordo com Andrade (2016, p. 7-8):

As charges são puro ato jornalístico, em cima de fatos, principalmente dos fatos não ditos, escondidos pela vergonha da censura, que não permitia, durante uns tempos, nem que se escrevesse o nome de Dom Helder. Eu conto a história e o quanto fiquei intrigado quando me disseram isso.

Teorizando um pouco, a charge é um tipo de enunciado crítico e opinativo do campo do humor gráfico – por isso sua proibição é imediata em casos

de ditaduras ou, então, sua enunciação tem vigilância cerrada, sofrendo constantes censuras.

2.CHARGE

A Charge é uma ilustração humorística que envolve a caricatura de um ou mais personagens, feita com o objetivo de satirizar algum acontecimento da atualidade. O termo charge tem origem no francês "charger" que significa "carga". As charges são muito utilizadas para fazer críticas de natureza política. Descrição: A charge utiliza imagem e tem um posicionamento crítico/irônico sobre as situações do cotidiano. ...

A charge é um gênero jornalístico que se utiliza da imagem para expressar à coletividade o posicionamento editorial do veículo. É uma crítica carregada de ironia e que reflete situações do cotidiano.

O termo charge é oriundo do francês charger e que significa carga, exagero e ataque violento. As charges retratam situações da atualidade.

a) Gênero Textual Charge

Charge do Jornal O Pasquim sobre o Brasil na Copa de 1982

Por meio da charge, o leitor tem a capacidade de compreender a dinâmica de acontecimentos ocorridos em todo o mundo. O chargista, como é chamado o profissional que desenha charges, precisa estar inteiramente familiarizado com os assuntos jornalísticos para conseguir retratar e transmitir a mensagem em um único quadro de elementos gráficos.

b) Características da Charge

- ✓ Retrata a atualidade;
- ✓ É usada em uma notícia que retrata um fato social ou político de relevância;
- ✓ Se origina na notícia jornalística;
- ✓ Reflete na imagem o posicionamento editorial do veículo;
- ✓ A charge também pode ser chamada de texto visual em que utiliza o humor ao mesmo tempo em que critica;
- ✓ Como se alimenta da novidade, é tida como uma narrativa efêmera;

✓ Caso não venha acompanhada de uma notícia, pode não ser compreendida pelo leitor.

Charge Política

Por ser íntima da atualidade, a charge é amplamente utilizada no debate jornalístico que trata da política. É praticamente obrigatório aos jornais destinarem um espaço exclusivo à postagem de charges Pasquim.

E, no Brasil, não seria diferente. Entre os exemplos icônicos do uso da charge na política está a publicação O Pasquim, semanário que circulou entre 1969 e 1991. Durante o período de ditadura militar no Brasil, o Pasquim fez ácidas críticas ao regime e, nos anos 70, parte da redação foi presa.

a) Gênero Textual Charge

Charge de o Pasquim sobre a Ditadura Militar

Charlie Hebdo

O Charlie Hebdo é uma publicação semanal francesa fundada em 1960 e que usa a sátira para criticar as religiões - principalmente o catolicismo, o judaísmo e islamismo – e o Partido Comunista Francês.

É polêmico e, o descontentamento em relação ao material que produz teria motivado, em janeiro de 2015, um ataque de conotações terroristas em que 12 pessoas foram assassinadas. O crime seria uma resposta a uma charge usada como sátira ao profeta Maomé.

Hoje, o Charlie Hebdo está no centro do debate da liberdade de expressão à imprensa. Esse conceito, na França, é apontado como indiscutível, colocando veículos e jornalistas na posição de responderem sobre seus atos, mas nunca como alvo de censura.

Cartum

O cartum é um gênero jornalístico de opinião e análise que pode usado como crítica. Entre suas características está a sátira e o humor. É utilizado por todos os veículos que se utilizam da ilustração para transmitir informação: os jornais, as revistas e a internet.

Como se utiliza da crítica, o cartum é, por vezes, mordaz ao expor os hábitos e comportamentos humanos.

Diferença entre Charge e Cartum

O elemento de tempo é a principal diferença entre charge e cartum. Enquanto a charge retrata situações atuais embasadas em notícias, o cartum é utilizado para criticar e satirizar situações atemporais.

3.A CHARGE E AS CONSEQUÊNCIAS PARA OS CHARGISTAS

A Associação dos Cartunistas do Brasil em defesa do chargista Aroeira por ter sido ameaçado de responder na justiça por uma charge publicada no facebook torna público uma Carta aberta em defesa da liberdade artística e do direito ao humor:

“Os chargistas, caricaturistas, desenhistas e ilustradores de todo o Brasil, que subscrevem esta carta aberta, manifestam sua solidariedade aos colegas, vítimas a intolerância e da perseguição política, assim como protestam contra a violência daqueles que procuram censurá-los. O desprezo pela democracia dos nossos governantes chega ao ponto do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro, por meio do seu ministro da Justiça, André Mendonça, solicitar à Polícia Federal e ao Ministério Público a abertura de investigação sobre uma charge de autoria de Aroeira. A imagem, uma clara alusão à ausência de políticas sanitárias em plena pandemia causada pelo vírus da Covid-19, mostra uma cruz vermelha (símbolo da saúde) transformada em uma suástica pelas mãos autoritárias do presidente. O absurdo da iniciativa fica evidente quando sabemos que “o pedido de investigação leva em conta a lei que trata dos crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, em especial seu art. 26”. O Brasil está se tornando um país onde o humor passa a ser censurado como nos piores períodos da ditadura. O que é mais estarrecedor: uma charge ou pessoas atirando fogos sobre o STF? Esta uma ação que, sim, mereceria a atenção do ministro da Justiça. Como se isso não bastasse, os desenhistas Laerte, João Montanaro, Alberto Benett e Cláudio More são sendo interpelados na Justiça pela publicação de cinco charges críticas à violência policial. Apresentada em dezembro de 2019, no jornal Folha de S> Paulo, os trabalhos despertaram a ira da Associação de Oficiais Militares do Estado de São Paulo em Defesa da Polícia Militar, Defenda PM, que entrou na Justiça com pedido de esclarecimento criminal, pois a considerou “constrangedoras”. A função de toda boa charge é a de, através do humor, refletir e comentar por meio do desenho os acontecimentos de interesse do cidadão.

A charge não é uma criação do nada, mas sim o termômetro do que o povo fala pelas ruas. Portanto, é descabida a afirmação de que uma charge possa ser “constrangedora”, quando o que deve constranger e chocar a opinião pública é o fato que a gerou. Sabemos que, ao longo da história, diversas charges, cartuns e caricaturas resultaram em perseguição e represália aos artistas que as criaram, o que atesta a dimensão que o humor pode alcançar na sociedade. Assim sendo, protestamos contra qualquer tentativa de cercear a liberdade artística, de imprensa, de consciência e o trabalho dos chargistas brasileiros que, por meio do traço, ajudam na construção de um país mais justo e solidário. E, por favor, essa carta defende o direito ao trabalho livre do cartunista, seja de qual lado esteja. Então vamos dialogar sem radicalismos ou ofensas pessoais.”

Junho de 2020

Como pode ser visto, os artistas do humor gráfico são bem organizados, tendo até entidade de classe para partir em defesa dessa categoria de chargistas que não faz nada mais que mostrar de forma bem-humorada as besteirada de quem quer que seja, mas também mostra as charges boas de quem faz por merecer. Visto que um bom chargista é aquele que agrada a uns e desagrade a outros sem ter que bajular ninguém.

4.A CHARGE QUE AGRADOU EM CHEIO A PRIMEIRA DAMA DOS EUA NO SOLO PERNAMBUCANO

Uma simples charge pode ser vista como uma provocação, mas pode também ser vista como algo muito engraçada a ponto de agradar o alvo que motivou a criação da charge, como foi o caso da primeira dama americana senhora Carter.

Numa segunda charge publicada no Diário de Pernambuco o chargista Clériston desenha dois sujeitos observando o pouso do avião da ilustre visitante, comentavam: “Ela deve estar pensando em direitos humanos ou acordo nuclear”. Do avião saía o balão de pensamento: “Não vejo a hora de tomar meu suco de pitanga!” Enquanto a charge anterior não agradara a segunda agradou em cheio senhora Carter que através do Consul solicitou o original como lembrança Clériston no verso do trabalho escreveu que aquilo era um apoio e um incentivo a um chargista que estava começando e encerrava mandando “Um abraço para o Jimmy Carter”.

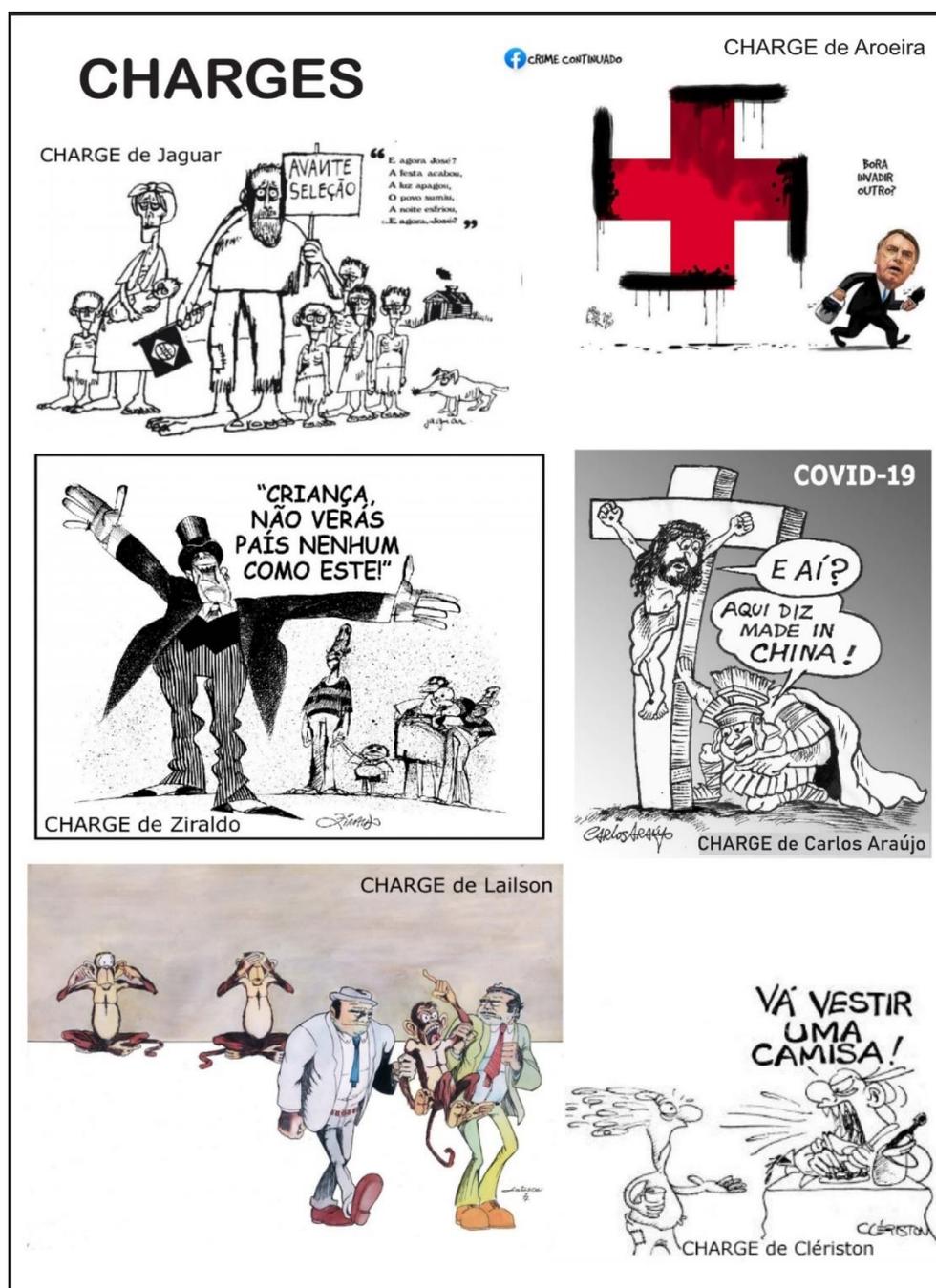
Isto mostra o quanto as charges fazem história como comunicação de massa e podendo até ser vista como um meio de chamar a atenção para os acontecimentos do dia-a-dia. Sendo também bem aproveitadas como recurso pedagógico na educação não só pela criticidade em que ela é feita, mas pela atenção que ela chama de forma satírica cada evento da história.

O tempo de intolerância já passou vivemos num regime democrático onde as opiniões e liberdade de expressão são livres. A pobreza, as desigualdades sociais e econômicas, aspectos culturais, dentre outros, são normalmente alvos de crítica social. Um bom investimento na educação pode mudar para melhor esse quadro de desigualdade social. Os chargistas não fazem nada mais que mostrar através de seus desenhos de forma simples e objetiva os que podem e não fazem para melhorar suas atuações. Uma boa charge não tem preço, tem boa crítica que faz doer até o calcanhar. O Pasquim teve muitas charges que incomodava a muitos em tempos difíceis. Num tempo que não era fácil fazer humor sem fazer guerra...

“Quem aceita o mal sem protestar coopera com ele.” Martin Luther King Jr.

As charges também são uma forma de protesto em forma de sátira direta, para aquelas pessoas que se acham tão brindadas, que não imaginam que um simples desenho cômico poderá fazer com que elas passem a ver o mundo de outra

forma e que este mundo pertence também às outras pessoas e não somente ao mundinho imaginário e absoluto que elas mesmas criaram, só para elas e os seus súditos...



Segundo Eisner (p.11-2005)

O ato de contar história está enraizado no comportamento social dos grupos humanos – antigos e modernos. As Histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e os problemas de convívio, propaga ideias ou extravasa fantasias.

5.O QUE É UMA CHARGE E PARA QUE SERVE

Para Lailson, “O que vier eu traço” (p.3,4), na sua visão bem-humorada sobre charges diárias, ele fala que entre todas as manifestações de arte popular, a que mais se aproxima da charge é o repente de viola: como o repentista, o chargista recebe o mote, procura nele o lado que lhe desperta o interesse crítico ou cômico e, da mesma forma que o repentista transforma em poesia o mote escolhido, o chargista transforma a notícia em traço.

Porém, como o salário mínimo, a charge é efêmera: seu efeito deve ser direto e imediato, realçar o lado crítico/lúdico do assunto, dar ao leitor todo o arsenal simbólico necessário para a compreensão da charge e leva-lo a pensar sobre o assunto em pauta, que, dois dias depois, pode até não ter mais graça, dependendo de como as circunstâncias que envolvem o caso se desenrolem. Mas, acima de tudo, o chargista tem que ser engraçado.

Estes três aspectos — o improviso sobre a notícia, a efemeridade dos assuntos escolhidos e a necessidade de ser engraçado — foram os critérios que usei para selecionar as 112 charges que compõem este livro.

A falta de durabilidade dos assuntos, por exemplo, impediu que várias charges — consideradas engraçadas no momento em que foram publicadas — fizessem parte dessa coletânea.

Este mesmo critério levou-me a reunir as charges sobre temas semelhantes, dividindo o livro em doze capítulos, cada um com um título que (espero) ajude o leitor a lembrar-se de fatos como o laboratório espacial Skylab que ameaçava acertar nas

cabeças do público presente; a Copa de 78; ou a ARENA — que hoje se chama PDS — e os partidos de oposição — que se chamavam todos MDB.

O imprevisto foi outro fator decisivo na escolha do material selecionado: muitas vezes, um desenho feito às pressas compromete uma boa piada e, como não teria sentido redesenhar uma charge num livro que se propõe a mostrar o desenvolvimento de um trabalho durante três anos, muitas delas ficaram também fora dessa antologia. Por fim, quanto ao último critério utilizado, ou seja, ser engraçado, só o leitor pode dar a última palavra.

Eu, por mim, fico tocando minha viola e o que vier, eu traço.

CHARGE

Por dentro do universo cômico da charge: Você sabe o que é uma charge? Se você é uma pessoa bem-humorada certamente vai gostar de conhecer um pouco mais sobre esse interessante gênero textual que combina linguagem verbal e linguagem não verbal. Vamos lá?

A palavra charge é de origem francesa e significa “carga”. Esse nome não foi escolhido por acaso, já que uma das principais características da charge é exagerar, seja sobre um fato, seja sobre uma pessoa, de modo a torná-los uma caricatura. A charge, que é um estilo de ilustração, tem como objetivo satirizar alguém, alguma situação ou acontecimento atual, por isso ela sempre está relacionada com um determinado contexto social, histórico, cultural ou político.

No Brasil, as charges são comumente encontradas em revistas e jornais, sejam eles impressos ou virtuais. Elas não devem ser confundidas com o cartum (do inglês cartoon), cuja principal característica é brincar com situações corriqueiras da sociedade. A charge é muito mais do que um desenho, é uma expressão de arte carregada de criticidade, uma maneira divertida e pouco convencional que o artista encontra para expor suas opiniões sobre eventos de seu tempo.

A história da charge teve início na Europa no princípio do século XIX, quando pessoas que se opunham ao governo atreveram-se a criar uma nova forma de expressão para criticar a tirania e os desmandos de seus representantes. Essa nova

forma aliou imagem e texto, além de, por meio de uma linguagem irreverente, conquistar a simpatia da população e fazer desse gênero um dos mais apreciados até os dias de hoje. No Brasil, temos grandes chargistas, inclusive, muitos foram alvos de censura na época da ditadura militar, quando fazer uma crítica social por intermédio de qualquer expressão artística podia ser muito perigoso!

A charge é muito mais do que um simples gênero textual, ela é, sobretudo, um agente transformador da realidade, pois expõe, por meio do bom humor, grandes problemas sociais, sempre com a intenção de provocar a reflexão e o debate. No Brasil, os principais representantes do gênero são Henfil, Laerte Coutinho, Millôr Fernandes, Angeli, Jaguar, Carlos Latuff, Ziraldo, entre outros, que defendem com competência e simpatia o humor político-social. Sobre o trabalho de chargista, certa vez falou Henfil:

Acho que meu trabalho tem um fim. A época do humor pelo humor já passou. Hoje o humor é jornalístico, tem de ser engajado, de ser quente. A fase da comunicação pura e simples acabou. O humor agora é de identificação. A charge é humor.

6. QUEM ENSINA NÃO É SUFICIENTE CONHECÊ-LO SOMENTE COMO ALUNO (A)

É necessário que se saiba como funciona o processo de aprendizagem, quais fatores são facilitadores ou prejudiciais para a aprendizagem, como o (a) aluno (a) pode aprender com a maneira mais eficaz além de outros aspectos ligados a educação da aprendizagem, envolvendo o aluno, o professor e a sala onde são dadas as aulas. O uso das charges pode desenvolver uma aprendizagem mais descontraída pela forma como as mesmas são trabalhadas no seu aspecto de um humor crítico. Num debate entre alunos numa sala de aula as opiniões podem sim ficarem divididas por conta da interpretação de cada um pois aí é onde entra a figura do professor para atizar mais os argumentos uma vez que a charge pode dividir opiniões. O professor pode se quiser, pedir uma releitura de uma charge para ver os diversos pontos de

vista dos seus alunos, mesmo eles não tendo habilidades para desenhar, mas podem sim imaginar outra mensagem para a charge exposta em classe.

O uso da charge em sala de aula pode ser um meio para um determinado fim que é desenvolver o senso crítico dos alunos.

Millôr Fernandes diz:

A charge discute a honestidade social a partir de uma cena irônica: a lamentação de um indivíduo que, por só poder lidar com gente honesta, encontra-se num deserto.

CHARGE, CARTUM E TIRA DE HQ, cada um na sua praia, no seu quadrado.

Enquanto a charge tem que ser atual o cartum tem vida mais longa, bem como a tira de HQ que não esfria na sua mensagem, seja crítica ou não. Todos têm sua importância na transmissão da mensagem visual gráfica. Mas a charge chama mais a atenção por causa do seu humor sarcástico e sem piedade com que os chargistas procuram produzir, é uma luta constante na busca de encontrar algo que dê uma boa charge diariamente, é muito cafezinho, água e idas ao banheiro, sem parar de pensar como transformar um acontecimento diário numa boa charge! É só um clique!

Mas nem tudo são flores, há charges que são censuradas ainda na redação, aí começa tudo outra vez porque o chefe pediu. Numa redação de jornal o chargista é um simples empregado..., mas a internet veio para mudar tudo isso!

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalhar com charges na educação, os professores têm como desenvolvimento dos seus alunos um material bem fácil de interpretação, tendo os acontecimentos diário transformados em charges nos jornais faz com que de forma bem-humorada a classe tenha como debater o porquê daquela crítica no olhar do chargista.

Isto porque é de se notar a presença das charges em provas como ENEM e de concursos público como peça de comentários na interpretação individual de cada

aluno. Uma boa charge faz despertar no aluno seu senso crítico numa visão humorística que é como a charge faz diariamente por ser um trabalho efêmero diferentemente do cartum e tiras de quadrinhos também visto diariamente nos jornais, mas com finalidades diferentes por conta do direcionamento que cada um dá.

Como o tema principal deste artigo se prendeu a charge, o qual teve o intuito de abordar esse gênero textual como forma de ver como cada olhar segue uma direção no campo da escrita e da imagem, a censura no trabalho jornalístico alcança, também, esse profissional que é chargista, por mostrar em forma de desenhos humorísticos o que este ato jornalístico trabalha em cima dos acontecimentos reais, que não foi dito pela vergonha de uma censura formada por meia dúzia de uns, que não tem a coragem de outros, para denunciar ou satirizar alguns poderosos, que não tem outra coisa a não ser a sua própria sombra para se esconder, por um curto período de tempo, porque a luz dos que tem coragem, mesmo sob ameaças de mostrar como se divertir com desenhos humorísticos, sendo nesse caso, a charge nossa de cada dia, que nos dá hoje a vontade de rir dos que pensam poder tudo, sem se importar com os fracos e oprimidos mas, os chargistas, nas redações de jornais, tem feito graça de graça, com ou sem a censura do autoritarismo e, nos dias de hoje, com a internet, a liberdade ficou ampla onde talvez nem o céu seja o limite. Hoje existe a facilidade de se fazer uma charge e virilizá-la em pouquíssimo tempo para o mundo todo ver e, não somente os jornais impressos, como era antigamente, pois, o mundo ficou pequeno, tão pequeno que faz um chargista pode desenhar aqui e ao mesmo instante, ser visto no outro lado do planeta. Uma charge sem texto é compreendida em todos os continentes, como sendo um só idioma, o idioma visual por imagem e com muito humor.

“No final das contas, tudo é uma piada.”

Sir Charlie Chaplin

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLASH, Revista do Rádio e Televisão (nº 1 set/89 p. 22): “O novo traço do humor”

ANDRADE, Antônio Clériston. Minha verdade sobre a ditadura em 64 charges: cada qual com sua crônica. Recife: Edições do autor, 2016

LAILSON, O que vier eu traço, copyright 1981

EISNER, Will. Narrativas Gráficas, Devir Livraria, 2005

CAVALCANTI, Lailson de Holanda – Humor Diário: A ilustração humorística no Diário de Pernambuco (1914 -1995) Ed. Universitária da UFPE, 1996 p. 140

Associação dos Cartunistas do Brasil,

Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo,

AQC – Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas – SP,

Instituto Memorial das Artes Gráficas do Brasil.

<https://www.todamateria.com.br/genero-textual-charge/>

<https://infoenem.com.br/4-dicas-para-interpretar-charges-no-enem/>

<https://escolakids.uol.com.br/portugues/charge.htm>